

RUTH MOREIRA

MANUAL DAS PALAVRAS MUDAS

40 Há que se imaginar, com um leve sorriso que tenha a inocência de uma infância, que um dia uma menininha plantou um pé de feijão em uma casca de ovo. Não se sabe porque ela o plantou justamente em uma casca de ovo. Mas sabe-se que naquela época estranhas aves rondavam seu telhado. Talvez ela quisesse que esta semente fosse um feto. E quisesse, ela mesma, já ser um útero para uma mãe-pássaro que tivesse que ir embora antes do tempo. Mas o que importa mesmo é que ela plantou esta semente em uma casca de ovo e que a amou com toda a grandeza que só um pequenino corpo de menina é capaz de amar. E todos os dias ela se punha a olhá-la longamente e a depositar nesta semente todas as suas memórias – tão numerosas que só uma criança pode ter. Mas sem palavra alguma – era uma cumplicidade silenciosa. E por amá-la tanto assim, ela cresceu tanto e tão rapidamente que já não mais cabia mais em seu útero infantil de ovo emprestado.

Foi assim que ela descobriu que pés-de-feijão também têm cordões umbilicais que devem ser cortados. Mas onde achar uma parteira de pés-de-feijão? Ela só conhecia um ancião sábio o suficiente para a tarefa: foi o vô Agostinho, com toda a sabedoria de lavouras e mais lavouras de feijão desenhadas em suas rugas profundas, quem lhe disse que dificilmente seu feto sobreviveria. Mas lhe deu todas as instruções.

Há que se medir atentamente quantidade e intensidade – adubo, terra, sol, chuva e sombra. Não se pode deixar de conversar com ela sequer um dia neste delicado período de adaptação.

E foi esta mesma menina, com muito cuidado, quem quebrou o ovo e transferiu para a terra vermelha suas raízes tão frágeis. E também foi ela quem passou as primeiras noites de chuva violenta ao seu lado, segurando um guarda-chuva para protegê-la e contando-lhe silenciosas histórias de dormir. E foi ela também, nas tardes de sol causticante do cerrado, quem continuou segurando o guarda-chuva para que a sombra abrandasse a queimadura, junto com as gotas de água que caíam de seu regador.

E foi assim que ela sobreviveu. E foi também assim, por tantas histórias que só uma criança pode contar, que ela se agigantou, agora portadora de toda a memória do mundo. Ela era uma palavra-muda. E é por isso que você não precisa contar nada para esta planta – ela já sabe de tudo.

I. PALAVRA MUDA



41

Palavra.

1. conjunto coerente de idéias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas; doutrina
2. autorização ou direito de falar

Muda.

1. mudança ('troca', 'transferência')
2. planta retirada de um viveiro para ser plantada em local definitivo
3. mudança de voz infantil para adulta
4. adj.fem.emudecer, silenciar (-se).

42 É um triste mistério que uma entidade que tenha toda a sabedoria do mundo deva também morrer. A menina agora já não alcançava seus pensamentos de tão grandiosos que eram, mas ainda a amava de maneira sempre dedicada. E tinha seu coração aflito, sempre com medo de ouvir mais um eco: “e ela morreu assim ... quietinha como um passarinho”.

Foi por isso que passou a estudar todas as formas de reprodutibilidade. Mas os seus experimentos com fôrmas e matrizes e maquinários diversos não lhe davam mais que um mero jogo matérico de aparências. Receptáculos sempre finos demais para portar essências. Há que se inventar um organismo denso o suficiente para que tenha vasos condutores. E mais: há que se elaborar um método capaz de transferir a alma. E isso ela não achou, por mais que tivesse estudado todos os artificios da era industrial e pós-moderna. E a esta questão tão nobre dedicou os seus dias no laboratório que construiu. Cópias, séries, siameses, duplos, aberrações, versões. Tudo não passava de análogos ligados por jogos de similitudes.

Não se tratava de criar uma outra palavra muda e novamente contar-lhe toda a memória do mundo, fabricando assim novas delas no término de cada ciclo vital. Tampouco se tratava de reproduzi-las e espalha-las pelo mundo, para que cada pessoa pudesse ter, individualmente, a plena sabedoria. Sua questão era mais profunda – era a da Eternidade.

E ela se inquietava ao se perguntar como transferir a memória para a matéria. Uma memória que se auto-reproduzisse em matéria, para que nunca se acabasse da mesma maneira como se acaba toda a matéria do mundo.

E foi assim, com ela tão distraída em seus mecanismos de fazer múltiplos, que se esqueceu que antes da reprodutibilidade já existia a reprodução.

II. MUDA SE MENTE



43

Muda.

1. mudança ('ato ou efeito', 'troca', 'transferência').

Se

1. em verbos pronominais que exprimem sentimento ou mudança de estado
2. podendo expressar reflexividade ou reciprocidade
3. Indica hipótese ou condição; no caso de.

Mente

1. memória, lembrança
2. 'mentir, faltar à verdade, prometer falsamente, enganar, fingir'
3. Parte incorpórea, inteligente ou sensível do ser humano; espírito, pensamento, entendimento.

- 44 É estranho pensar na maneira com se reproduzem os pés-de-feijão. Ao se plantar uma semente na terra, esta deve germinar e dela deve brotar uma vagem. Em cada vagem várias sementes idênticas àquela primeira são formadas. Quando cai na terra, de suas sementes nascem novos pés-de-feijão, idênticos ao primeiro. Eles se multiplicam suntuosamente a cada geração - supondo que cada pé-de-feijão produza ao menos uma vagem com quatro feijões, só na primeira geração haverá dezesseis novos pés-de-feijão.
- Mendel já dizia que nesta progressão as mudas parecem idênticas, mas que algo muda geneticamente a cada geração. E foi Magritte, o mesmo que atestou que era impossível fumar cachimbos feitos de meras similitudes, quem um dia também disse que as ervilhas não são iguais entre si, mas similares.
- Se só o pensamento pode ir além - das analogias que geram estas pequenas diferenças que impedem nosso impulso natural à repetição-, pensemos.
- Pensemos que, por algum motivo, tão misterioso quanto o fato de aquela palavra muda ter sido plantada em um útero infantil de ovo emprestado, as gerações desta especial muda palavra muda fossem capazes de seguir nossa mimética tendência primitiva.
- Se por esta mágica concessão da natureza houvesse de ser exatamente a mesma memória matérica a se auto-fecundar, podemos pensar que a cada nova geração mais e mais sábia se tornaria esta mesma planta. Sim, pois se sabe que é a isto que se presta nossa mimética tendência à repetição – ao conhecimento. E, porque não, ao reconhecimento?

III. PA LAVRA MUDA



45

Pá.

1. utensílio para escavar ou remover terra.

Lavra

1. ato de lavar. Cultivar.

Muda

1. Broto, início

46 Se a Eternidade só pode se dar pela permanência da memória, há que se privilegiar o reconhecimento. O reconhecimento não só da essência matéria de cada corpúsculo, como também o reconhecimento de cada uma das unidades entre si, que se tornam cada vez mais sábias a cada nova geração. E se tornam mais sábias justamente porque só o reconhecimento é capaz de produzir o conhecimento. Mas não há que se supor uma evolução histórica. O acúmulo de conhecimento se vale do acúmulo de matéria pútrida que serve de adubo. Equivale também, proporcionalmente, ao aumento da quantidade de pássaros que se reproduzem proporcionalmente à quantidade de sementes que aumentam a cada nova geração.

Para sair deste impasse, a solução não é aumentar a quantidade de sementes, mas a quantidade de guarda-chuvas disponíveis no mundo. Sim, há que se estar sempre disponível para segurar um guarda-chuva ao lado de uma sábia planta que pede silêncio. Deve-se segurar um guarda-chuva silenciosamente e transmitir uma nova memória todos os dias. Só assim poderão surgir também memórias inventadas. Surgirá desta cumplicidade a metáfora.

Há que se imaginar, com um leve sorriso que tenha a inocência de uma infância, que um dia existiu uma lavoura onde os pés que estava fincados no chão eram os pés das pessoas. E que sobre suas cabeças se abria uma copa feita de arames e tecido. E permaneciam imóveis segurando seus guarda-chuvas, formando entre si metáforas feitas de silêncio cúmplice. E dali nasceria a Eternidade, no reconhecimento das semelhanças que só podem existir no pensamento.

IV. A-MIÚDA-PALAVRA

Miúda

1. tornar(-se) diminuto; apequenar(-se)
2. enfraquecido, debilitado.

Amiudança

1. Ato ou efeito de executar (algo) amiúde, com frequência; repetir.

Amiudar

1. cantar (o galo) a intervalos mais curtos, quando vem rompendo o dia.
2. expor claramente (algo), explicando detalhadamente, com objetividade e em palavras compreensíveis ao leigo.

Palavra

1. aquela que, com estrutura aparentemente onomatopaica ou imitativa, não permite tal relação entre o significante e o significado
2. parábola, sentido de ‘comparação’.
3. qualquer palavra que expressa uma noção dos valores de uma comunidade sociocultural num determinado período.